

SIGMUND

FREUD

OBRAS COMPLETAS VOLUME 7

O CHISTE E SUA RELAÇÃO
COM O INCONSCIENTE
(1905)

TRADUÇÃO FERNANDO COSTA MATTOS
PAULO CÉSAR DE SOUZA

Copyright da tradução © 2017 by Fernando Costa Mattos
e Paulo César Lima de Souza

Copyright da organização © 2017 by Paulo César Lima de Souza

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Os textos deste volume foram traduzidos de *Gesammelte Werke*, volume VI
(Londres: Imago, 1940). A outra edição alemã referida é *Studienausgabe*
(Frankfurt: Fischer Taschenbuch, 2000), pp. 9-219.

Capa e projeto gráfico
warrakloureiro

Imagens das pp. 3 e 4, obras da coleção pessoal de Freud:

Máscara de múmia masculina, Egito, séc. I ou II d.C.

Figura de sábio taoista, China, séc. XIX, 32,5 cm

Freud Museum, Londres

Preparação

Célia Euvaldo

Índice remissivo

Luciano Marchiori

Revisão

Huendel Viana

Isabel Cury

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Freud, Sigmund, 1856-1939.

Obras completas, volume 7 : o chiste e sua relação com o inconsciente
(1905) / Sigmund Freud; tradução Fernando Costa Mattos e Paulo César
de Souza. — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2017.

Título original: *Gesammelte Werke*
ISBN 978-85-359-2792-4

1. Freud, Sigmund, 1856-1939 2. Psicanálise 3. Psicologia 4. Psico-
terapia I. Título.

16-06033

CDD-150.1952

Índice para catálogo sistemático:

1. Sigmund, Freud : Obras completas : Psicologia analítica

150.1952

[2017]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/companhiadasletras

instagram.com/companhiadasletras

twitter.com/ciadasletras

SUMÁRIO

ESTA EDIÇÃO 9

O CHISTE E SUA RELAÇÃO COM O INCONSCIENTE (1905) 13

A. PARTE ANALÍTICA 15

I. INTRODUÇÃO 16

II. A TÉCNICA DO CHISTE 27

III. AS TENDÊNCIAS DO CHISTE 129

B. PARTE SINTÉTICA 167

IV. O MECANISMO DE PRAZER E A PSICOGÊNESE DO CHISTE 168

V. OS MOTIVOS DO CHISTE. O CHISTE COMO PROCESSO SOCIAL 199

C. PARTE TEÓRICA 226

VI. A RELAÇÃO DO CHISTE COM O SONHO E O INCONSCIENTE 227

VII. O CHISTE E AS VARIEDADES DO CÔMICO 257

ÍNDICE REMISSIVO 335

O CHISTE E SUA RELAÇÃO COM O INCONSCIENTE (1905)

TÍTULO ORIGINAL: *DER WITZ UND SEINE BEZIEHUNG ZUM UNBEWUSSTEN*. PUBLICADO PRIMEIRAMENTE COMO VOLUME AUTÔNOMO, LEIPZIG E VIENA: DEUTICKE, 1905. TRADUZIDO DE *GESAMMELTE WERKE* VI, PP. 1-285. TAMBÉM SE ACHA EM *STUDIENAUSGABE* IV, PP. 9-219.

A. PARTE ANALÍTICA

I. INTRODUÇÃO

[1]

Quem já teve a oportunidade de informar-se, em textos de estetas e psicólogos, sobre que esclarecimento pode ser dado a respeito da natureza e das implicações do chiste, terá de admitir que os esforços filosóficos destinados a esse tema não estiveram à altura do que ele merece, tendo em vista seu papel em nossa vida psíquica. Só se pode indicar um número bem pequeno de pensadores que se ocuparam mais detidamente do problema do chiste. Entre aqueles que trabalharam com ele, estão certamente os brilhantes nomes do poeta Jean Paul (Friedrich Richter) e dos filósofos Theodor Vischer, Kuno Fischer e Theodor Lipps. Mas mesmo nesses autores o tema do chiste fica no pano de fundo, ao passo que o interesse principal da investigação é dirigido ao problema mais abrangente e instigante do cômico.

A primeira impressão que se tem, a partir dessa literatura, é a de que seria inteiramente impraticável tratar dos chistes fora do contexto do cômico.

Segundo Theodor Lipps,¹ o chiste é “a comicidade inteiramente subjetiva”, isto é, a comicidade “que nós produzimos, que adere à nossa conduta enquanto tal e perante a qual nós nos comportamos sempre como su-

1 *Komik und Humor* [O cômico e o humor], 1898. In: T. Lipps, T. e R. M. Werner, *Beiträge zur Ästhetik* [Escritos sobre estética], v. VI. — Um livro ao qual devo a coragem e também a possibilidade de empreender este trabalho.

jeito superior, jamais como objeto — nem mesmo como objeto voluntário” (p. 80). É elucidativa, quanto a isso, a observação de que o chiste seria, em geral, “toda evocação consciente e habilidosa à comicidade, seja a comicidade da observação, seja da situação”.

Fischer explica a relação do chiste com o cômico recorrendo à caricatura que introduziu entre ambos em sua exposição.² O objeto da comicidade é o feio, em qualquer das formas sob as quais aparece: “Onde está escondido, ele tem de ser descoberto à luz do ponto de vista cômico; onde é pouco ou nada perceptível, tem de ser exposto e, assim, esclarecido; ele tem de ficar visível à luz do dia [...]. Assim surge a caricatura” (p. 45). “Todo o nosso mundo espiritual, o reino intelectual de nossos pensamentos e representações, não se desenvolve sob o olhar da observação externa, não se deixa representar imediatamente de modo figurativo ou visual e, além disso, contém também as suas inibições, fraquezas e desfigurações, uma série de coisas risíveis e contrastes cômicos. Para acentuar tais elementos, e torná-los acessíveis à consideração estética, será necessária uma força capaz não apenas de representar objetos imediatamente, mas de refletir sobre estas representações mesmas e torná-las claras: uma força que ilumina o pensamento. Essa força é o *juízo*. E o juízo que produz o contraste cômico é o *chiste*, que já operava silenciosamente na caricatura, mas só atinge sua forma própria e o terreno livre de seu desenvolvimento no juízo” (pp. 49-50).

2 *Über den Witz* [Sobre o chiste], 1889.

Como se vê, Lipps situa a característica que distingue o chiste, em meio ao cômico, na atividade, no comportamento ativo do sujeito, ao passo que K. Fischer caracteriza o chiste através da relação com o seu objeto, um objeto constituído do feio que se oculta no mundo de nossos pensamentos. Essas definições do chiste não podem ser postas à prova quanto à sua pertinência, e não se pode sequer compreendê-las caso não estejam inscritas no contexto de que foram retiradas. Seria necessário, portanto, trabalhar detidamente nos textos desses autores sobre o cômico, para aprender algo sobre o chiste com eles. Mas se percebe, em outras passagens, que esses mesmos autores são capazes de indicar aspectos essenciais e universalmente válidos do chiste prescindindo de sua relação com o cômico.

A caracterização do chiste com que o próprio Fischer parece mais satisfeito é a seguinte: “O chiste é um juízo *lúdico*” (p. 51). Para elucidar essa expressão, ele nos remete a uma analogia: “do mesmo modo como a liberdade estética consistia na contemplação lúdica das coisas” (p. 50). Em outra passagem, a atitude estética frente a um objeto é caracterizada pela condição de que nada exigimos desse objeto, em especial nenhuma satisfação de nossas necessidades primárias, mas apenas nos satisfazemos em fruir a sua contemplação. A atitude estética é *lúdica*, em contraposição ao trabalho. — “Poderia ser que da liberdade estética nascesse também um tipo de juízo liberto dos padrões e amarras habituais, ao qual eu gostaria de chamar, tendo em vista sua origem, ‘o juízo *lúdico*’; e que nesse conceito estivesse contida a

primeira condição, se não a fórmula inteira, que soluciona a nossa tarefa. ‘A liberdade produz o chiste, e o chiste produz a liberdade’, diz Jean Paul. ‘O chiste é um mero jogo com as ideias’” (p. 24).

Sempre se gostou de definir o chiste como a prontidão para encontrar semelhanças entre as coisas dissimilares, isto é, semelhanças ocultas. Jean Paul expressou esse pensamento de maneira jocosa: “O chiste é o padre disfarçado que une todos os casais”. T. Vischer acrescenta uma continuação: “De preferência, ele une os casais cuja relação os parentes desaprovam”. Ele objeta, porém, que há chistes em que não se verifica comparação alguma, nem, portanto, descoberta de semelhanças. Ele define o chiste, assim, afastando-se um pouco de Jean Paul, como a prontidão para juntar numa unidade, com rapidez surpreendente, diversas representações que, segundo seu conteúdo interno e o contexto a que pertencem, são essencialmente estranhas umas às outras. K. Fischer salienta então que em muitos juízos chistosos não se encontram semelhanças, mas sim diferenças, e Lipps chama a atenção para o fato de que essas definições se referem ao chiste que o anedotista já *sabe*, não ao que ele *faz*.

Outros pontos de vista que foram adotados na tentativa de determinar conceitualmente ou descrever o chiste, e que estão em certo sentido ligados, são o “*contraste das representações*”, o “*sentido no absurdo*”, a “*estupefação e aclaramento*”.

O contraste das representações [*Vorstellungskontrast*] é enfatizado em definições como a de Kraepelin. O chiste

seria “a ligação ou conexão arbitrária, em geral com o auxílio da associação de palavras, de duas representações de algum modo contrastantes entre si”. Não é difícil, para um crítico como Lipps, mostrar a completa insuficiência dessa fórmula. Mas ele próprio não descarta o fator do contraste, deslocando-o antes para outro lugar. “O contraste permanece, mas ele não é um contraste entendido de um modo ou de outro, entre as representações associadas às palavras, e sim o contraste ou contradição entre o significado e a falta de significado das palavras” (Lipps, p. 87). Exemplos esclarecem como isso deve ser compreendido. “Um contraste surge somente quando [...] concedemos um significado às suas palavras que, no entanto, não poderíamos conceder” (p. 90).

A oposição de “sentido e falta de sentido” adquire significado no desenvolvimento ulterior dessa última caracterização. “Aquilo que por um momento havíamos tomado como pleno de sentido mostra-se agora inteiramente sem sentido para nós. Nisso consiste, nesse caso, o processo cômico” (pp. 85 ss.). “Um enunciado parece chistoso quando lhe atribuímos um significado que possui necessidade psicológica e, ao atribuí-lo, voltamos a retirá-lo de imediato. Sob ‘significado’ podem-se entender aí coisas diferentes. Empréstamos um *sentido* a um enunciado sabendo que ele não podem pertencer-lhe logicamente. Encontramos uma *verdade* nele que, no entanto, não podemos encontrar quando seguimos as leis da experiência ou os hábitos universais do nosso pensamento. Nós lhe concedemos uma consequência lógica ou prática que vai além de seu conteúdo verdadeiro, para, tão logo

enxerguemos a natureza mesma do enunciado, negar justamente essa consequência. Em cada caso, o processo psicológico que o enunciado do chiste desperta em nós, e no qual se baseia o sentimento de comicidade, consiste na passagem imediata daquele emprestar sentido, tomar por verdadeiro, admitir consequências, à consciência ou impressão de uma relativa nulidade.”

Por mais penetrante que essa argumentação pareça, poder-se-ia perguntar aqui se a oposição do pleno de sentido ao sem sentido, na qual se baseia o sentimento de comicidade, também contribui para a determinação conceitual do chiste enquanto distinto do cômico.

O fator da “estupefação e aclaramento” também aprofunda o problema da relação do chiste com a comicidade. A respeito do cômico em geral, Kant diz que é uma característica notável do mesmo a de iludir-nos apenas por um momento. Heymans explica como o efeito de um chiste se produz pela sequência de estupefação e aclaramento.³ Ele ilustra a sua afirmação com um ótimo chiste de Heine, em que um de seus personagens, o pobre agente de loteria Hirsch-Hyacinth, se gaba de ter sido tratado pelo grande barão de Rothschild como um semelhante, de modo inteiramente *familionario*. A palavra portadora do chiste parece aí, num primeiro momento, uma formação equivocada, algo incompreensível, inconcebível, enigmático. Com isso ela produz espanto. A comicidade se dá com a dissolução da estupefação, com a compreensão da palavra. Lipps acrescenta que a esse primeiro es-

3 *Zeitschrift für Psychologie* [Revista de psicologia], v. XI, n. 86.

tágio do aclaramento — a compreensão de que a palavra causadora de espanto significa isso e aquilo — se segue um segundo estágio, no qual se entende que essa palavra nos tinha primeiro espantado e, então, fornecido o sentido correto. Somente esse segundo esclarecimento, isto é, a compreensão de que uma palavra sem sentido segundo o uso comum da linguagem era a responsável pela graça do chiste — esta dissolução no nada —, é que produz a comicidade (Lipps, p. 85).

Independentemente de qual dessas duas visões nos pareça mais elucidativa, através das explicações sobre estupefação e aclaramento nos aproximamos de uma melhor compreensão. Se, de fato, o efeito cômico do *familionário* de Heine se baseia na dissolução da palavra aparentemente sem sentido, então o “chiste” pode ser vinculado à formação dessa palavra e à natureza da palavra assim formada.

Sem nenhuma conexão com os pontos de vista tratados por último, há uma outra particularidade do chiste que é reconhecida por todos os autores como essencial a ele. “A *brevidade* é o corpo e a alma do chiste; é o chiste ele mesmo”, diz Jean Paul,⁴ apenas modificando com isso uma fala do velho tagarela Polônio, no *Hamlet* de Shakespeare (ato II, cena 2):*

4 *Vorschule der Ästhetik* [Propedêutica à estética], v. I, § 45.

* A citação é dada aqui no original inglês, mas Freud cita a tradução alemã de Schlegel: “*Weil Kürze dann des Witzes Seele ist, / Weitschweifigkeit der Leib und äussere Zierat, / Fass’ ich mich kurz*”. [As notas chamadas por asterisco e as interpolações às notas do autor, entre colchetes, são de autoria do tradutor. As notas do autor são sempre numeradas.]

*Therefore, since brevity is the soul of wit
And tediousness the limbs and outward flourisher
I will be brief*

[Porque a brevidade é a alma do chiste,
E a prolixidade, o corpo e ornamento externo,
Serei breve].

É significativa, pois, a descrição do chiste feita por Lipps. “O chiste diz o que tem a dizer nem sempre em poucas, mas sempre em palavras de menos, isto é, em palavras que, segundo uma lógica estrita ou o modo comum de pensar e falar, não seriam suficientes para dizê-lo. No fim das contas, ele pode inclusive dizer o que tem a dizer silenciando” (Lipps, p. 90).

Já aprendemos, na vinculação do chiste com a caricatura, que “o chiste tem de fazer aparecer algo *oculto* ou *escondido*” (K. Fischer, p. 51). Eu enfatizo novamente essa definição porque ela também tem mais a ver com a natureza do chiste do que com o seu pertencimento à comicidade.

[2]

Eu bem sei que as pequenas citações acima, extraídas dos trabalhos de alguns autores sobre o chiste, não podem fazer justiça ao valor desses trabalhos. Em vista das dificuldades envolvidas em reproduzir, sem nenhum mal-entendido, os movimentos de pensamentos tão complexos e finamente nuançados, não posso poupar os mais interessados do esforço de ir em busca do aprendizado desejado nas fontes originais. Mas não sei

se eles voltariam plenamente satisfeitos. As propriedades do chiste e os critérios fornecidos por esses autores, apresentados acima em conjunto — a atividade, a relação com o conteúdo do nosso pensamento, o caráter de juízo lúdico, a aproximação das diferenças, o contraste de representações, o “sentido no absurdo”, a sequência de estupefação e aclaramento, o desvelamento de algo escondido e o tipo específico de brevidade do chiste —, parecem à primeira vista, de fato, tão apropriados e tão demonstráveis em exemplos que não podemos incorrer no risco de subestimar o valor de tais intuições. Mas elas são *disjecta membra* que gostaríamos de ver reunidas em um todo orgânico. No fim das contas, não contribuem mais, para o conhecimento do chiste, do que, digamos, uma série de anedotas contribuiria para caracterizar uma personalidade cuja biografia nos interessa. Falta-nos compreensão da conexão que seria de pressupor entre esses aspectos particulares — o que a brevidade do chiste tem a ver com o seu caráter de juízo lúdico, por exemplo — e, além disso, um esclarecimento sobre se o chiste tem de satisfazer todas essas condições para ser um chiste correto, ou se apenas algumas delas e, neste caso, quais seriam substituíveis por outras, quais não. Também seria desejável um agrupamento e divisão dos chistes com base nas suas propriedades que são ressaltadas como essenciais. A divisão que encontramos naqueles autores se baseia de um lado nos meios técnicos, de outro na aplicação do chiste (trocadilho ou jogo de palavras; chiste de caricatura, de caracterização ou de zombaria).

Não teríamos dificuldade, portanto, em indicar os fins para uma nova tentativa de esclarecer o chiste. Para poder contar com o sucesso, teríamos ou de introduzir novos pontos de vista no trabalho, ou de tentar ir mais longe por meio do fortalecimento de nossa atenção e do aprofundamento de nosso interesse. Podemos nos propor a pelo menos não deixar faltar este último elemento. É surpreendente notar como são poucos os exemplos de chistes reconhecidos que satisfazem àqueles autores, e como cada um deles retoma os exemplos já usados pelos antecessores. Não podemos nos furtar à obrigação de analisar os mesmos exemplos de chistes de que os autores clássicos já se serviram, mas, além disso, tencionamos recorrer a um material novo, de modo a conseguir uma base mais ampla para nossas conclusões. É natural, pois, que tomemos como objeto de nossa investigação exemplos de chistes que tenham nos impressionado mais fortemente em nossa própria vida e nos tenham feito rir mais intensamente.

Se o tema do chiste justifica tamanho esforço? Acredito que não se deve duvidar disso. Deixando de lado os motivos pessoais, que se tornarão evidentes durante o desenvolvimento desses estudos e me impelem a ampliar minha compreensão do problema do chiste, posso apelar ao fato de que há uma conexão íntima entre todos os acontecimentos psíquicos capaz de assegurar que um conhecimento psicológico sobre um dado âmbito tenha considerável valor também para outros âmbitos, aparentemente distantes daquele. Com relação a isso, também se poderia lembrar o peculiar e fascinante encanto

que o chiste desperta em nossa sociedade. Um chiste novo funciona como um acontecimento de interesse geral; ele é passado de uma pessoa à outra como a mais recente notícia de vitória na guerra. Mesmo homens famosos, que consideram importante contar como se tornaram o que são, as cidades e países que visitaram, as pessoas brilhantes com quem tiveram contato, não se envergonham de incluir na descrição de suas próprias vidas este ou aquele excelente chiste que tenham algum dia escutado.⁵

5 J. v. Falke, *Lebenserinnerungen* [Memórias], 1897.